



Love

Acrílica sobre craft, A4 cm, 2022

# Corra! (2017)

Um homem negro fala ao celular em um bairro suburbano estadunidense, perdido na confusão dos nomes que batizam as ruas. De repente, um automóvel passa por ele, faz retorno e o segue devagar. O homem percebe, desconfia da situação, intui o perigo iminente. Quando se acredita livre do horror que estava à espreita, é capturado. Essa é a primeira cena de **Corra! (Get out)**. No imaginário, o subúrbio é o lar dos conservadores brancos e dos libertários de fachada. A imagem é um momento de tensão e uma mostra dos símbolos, da desconstrução (que subverte os clichês-sustentáculos de vários gêneros cinematográficos) e da caracterização do racismo institucional, que se faz de invisível, que o longa-metragem de Jordan Peele percorre em seus 104 minutos.

A abertura nos remete à personagem negra descartada logo no início de um filme de terror B ou de medo para adolescentes pós-Pânico (1996) e ainda alude à vulnerabilidade de se andar sozinho, sem ter para onde correr, que é típico do gênero – no caso, em bairro consagrado pela dinâmica do capitalismo dos “bem-sucedidos”, da “gente de bem” (será o mascarado em um carro branco algum

tipo de justiceiro?). No lugar da floresta e do rapaz/moça branca em território desconhecido, temos um negro, o suspeito por “excelência”. A cena seguinte apresenta Chris (Daniel Kaluuya) – fotógrafo de sucesso – e sua namorada Rose, interpretada por Allison Williams, que discutem uma viagem à casa dos pais dela. Cris interpela se os progenitores da amada sabem que ela está em um relacionamento inter-racial. A jovem responde: “O meu pai teria votado em Obama pela terceira vez se pudesse. Ele não é racista”. A sentença, misto de convicção e resposta adequada, tranquiliza Cris, no entanto, não afasta a sombra da desconfiança.

Após o momento romântico do casal protagonista, enfrentar os subúrbios da América, suas casas que esbanjam tradição e liberalismo, já traz uma primeira tensão, a primeira fagulha de um racismo naturalizado. Enquanto Rose se indigna por um policial pedir os documentos de Cris, logo após ela atropelar um cervo, o rapaz reage com diplomacia, segue a cartilha, pois conhece as consequências de se contestar a “autoridade”. Se a revolta de Rose não gera uma reação exaltada do policial, caso fosse Cris, o que sucederia?



## Wuldson Marcelo

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e graduado em Filosofia (UFMT). Autor dos livros **As luzes que atravessam o pomar e outros contos**, **Obscuro-shi – Contos e desencontros em qualquer cidade** e **Subterfúgios Urbanos**. É cineasta, roteirista e foi curador da Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso, de 2017 a 2022. É um dos editores da revista **Ruído Manifesto** (<https://ruidomanifesto.org/>).

[wuldsonplath@gmail.com](mailto:wuldsonplath@gmail.com)

Na casa vivem os pais de Rose, o casal Armitage – Dean e Missy – (Bradley Whitford e Catherine Keener), o irmão, Jeremy (Caleb Landry Jones), uma criada (Betty Gabriel) e um jardineiro (Marcus Henderson), ambos afro-americanos. Cris é bem-recebido. Porém, há uma alta dose de esforço para agradar ao jovem namorado da filha adorada. Uma predominância do exagero. Quando Jeremy entra em cena, suas observações sobre o vigor do corpo negro lançam o incômodo ao status de tensão.

A liberdade política, a consagração de uma harmonia racial e a felicidade, que estabelece uma ordem cultivada pelo respeito às diferenças, ganham contornos sinistros e se impõem como mistérios a partir do estranho comportamento dos empregados (que apresentam um olhar vazio, destituído de emoção, e um cumprimento inautêntico do dever), e da cura pela hipnose, que Missy usa como método em sua terapia. Há um enigma na residência e sua plástica conciliação vai cedendo aos poucos, revelando o que há de aterrador e cruel nesse mundo em que o Outro transita entre o indesejado e o descartável.

Peele constrói sua obra fílmica de estreia usando como suportes o terror psicológico e o terror satírico, sabendo dosá-los e aplicá-los a cada momento. Quando Cris é hipnotizado, supostamente para pôr fim ao seu vício em cigarro, o horror começa a surgir nos detalhes (mas não antes de uma surreal queda em uma cova), equilibrando comentários estampados em um racismo que não se reconhece como tal e a construção de uma sensação de claustrofobia que cerca o protagonista por todos os lados, aumentando a angústia da personagem e a agonia do espectador.

Para a edificação do pesadelo escondido por trás de sorrisos generosos e atitudes solícitas, contribuem a fotografia, com planos abertos que trabalham o espaço,

aumentando o suspense e closes que afinam o que o filme tem de perturbador, os efeitos sonoros que sinalizam o pesadelo que está por vir, a trilha sonora e um elenco nada menos que espetacular (Kaluuya e Keener, principalmente). Lil-Rel Howery, interpretando Rod Williams, guarda e melhor amigo, é responsável pelo alívio cômico, contudo, a comédia promovida por ele, com comentários sobre brancos capturando negros para fazê-los de escravos sexuais, não destoa da ansiedade que petrifica Cris e a audiência, pois se baseia em incertezas e desconfortos que compõem a tensão subjacente de ser minoria em territórios da classe dominante.

**Corra!** guarda semelhanças com a estrutura de muitos filmes de terror e suspense: De **As Esposas de Stepford** (1975, de Bryan Forbes) a **A Chave Mestra** (de 2005, com Kate Hudson) entre outros. Mas os usa para subverter clichês, expondo-os para dar uma direção inesperada a eles. Frustrar as expectativas das convenções do horror serve para desmontar o racismo existente nas relações interpessoais, em que o negro é objeto de culto, por sua cultura e sua força, mas acusado de promover separações quando suas reivindicações ecoam mais fortemente.

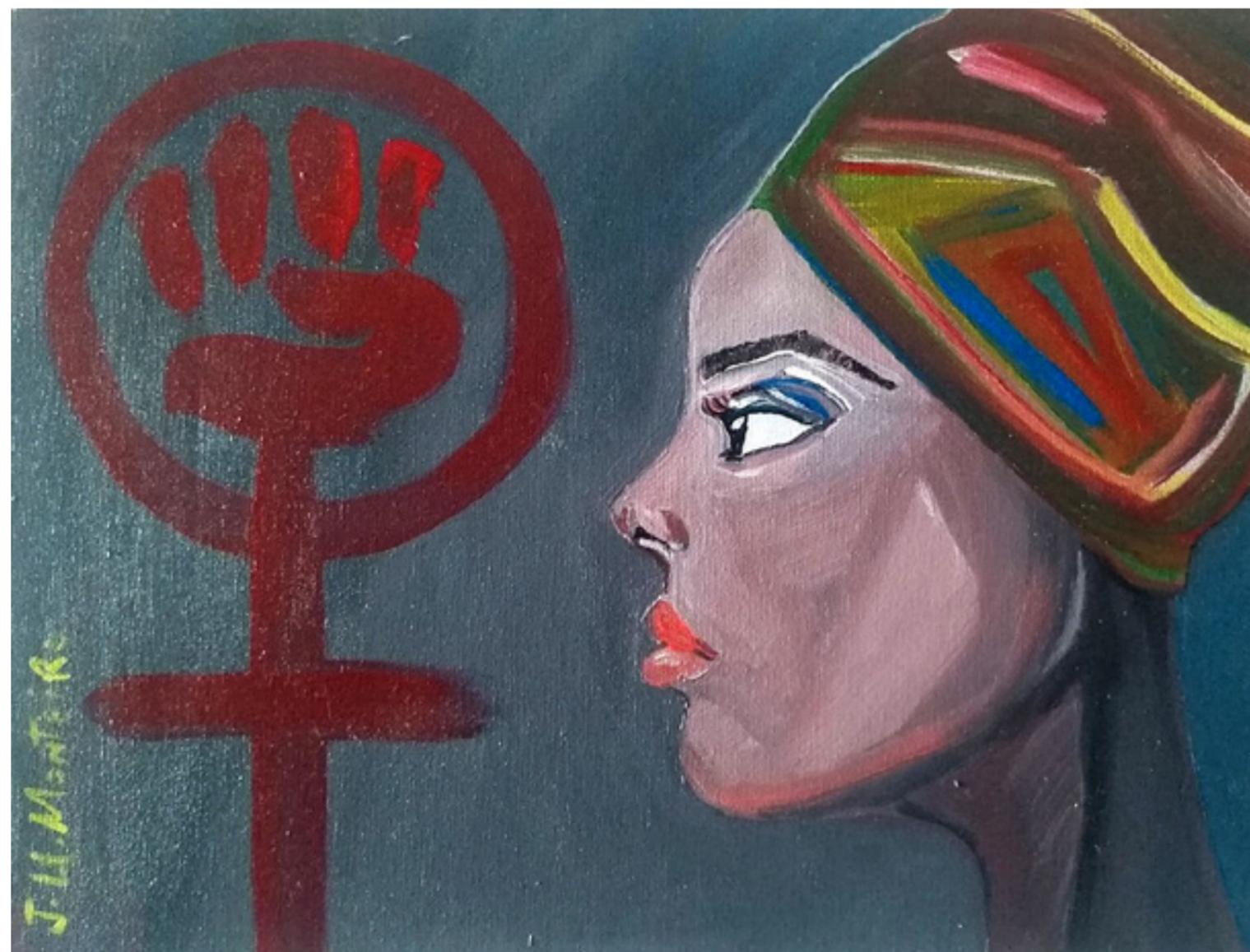
**Corra!** trata-se de corpos negros (de minorias) expostos como mercadoria. A sua velocidade, a sua beleza, o seu olhar artístico, que podem se diferenciar da compreensão padrão que satura ao máximo fórmulas já desgastadas, são artigos desejados,

porém desde que venham sem a pele. A relação com o Outro é intermediada, ou tem valor, a partir do que ele tem para oferecer. Não há uma troca, um entendimento, mas uma prestação de serviço ou usurpação.

Se, em **Quero Ser John Malkovich** (1999, de Spike Jonze), outro filme carnavalizado pelo roteiro de Jordan Peele, a aspiração é depositada na vida eterna, em **Corra!**, a apropriação de uma qualidade, seja física, seja intelectual, e a manipulação de um capital cultural ou de um atributo da genética, controlando a mente de seu agente, são o que está em

jogo.

A obra inaugural de Peele é um filme de terror psicológico, no qual aparência e símbolo estão em confronto constante para revelar um subtexto social que entrega o racismo como a fratura exposta que ele ainda é. Na verdade, o quanto a aceitação que parece ignorar a existência dos conflitos varre para debaixo dos panos as discriminações e preconceitos diários, enquanto enaltece as qualidades que deseja ressaltar no Outro. **Corra!**: uma brincadeira cinematográfica, uma crítica social.



**Feminismo e resistência**  
Acrílica sobre tela, 40 x 30 cm, 2020